

OS NOMES DE CORES NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS *

Maria Luísa Fernandez Miazzi

A diversidade flagrante entre as denominações neolatinas de alguns adjetivos que designam cores chamou-nos a atenção, levando-nos à coleta de vários termos, desde os empregados pelos romanos até os seus atuais continuadores ou sucedâneos.

Pesquisamos inicialmente os nomes de cores em latim e, depois, observamos o grande número que foi anexado, em geral por contacto com os dominadores (elemento de superstrato); muitos deles indicam a flor ou fruto e até o minera' aos quais correspondem.

Modernamente enriqueceu-se o vocabuário crômico já pela expressão de toda uma gama de nuances, do lugar de procedência de um vinho, charuto, etc., já pela adoção de termos específicos (cor de cavalos, p.ex.), mediante o acréscimo de sufixo ou de outro nome (adjetivo ou substantivo, neste caso omitindo-se por vezes a expressão "da cor de")

Dividimos o trabalho, pois, da seguinte maneira:

- 1 — Os nomes das cores em latim.
- 2 — Os designativos românicos das cores

Quanto ao critério de ordenação desses nomes, adotamos um subjetivo: branco, preto, vermelho, verde, azul e amarelo, com as respectivas variações, seguindo-se as tonalidades intermediárias. Obviamente seria mais fácil usar a ordem alfabética, mas nossa arbitrariedade prende-se a razões que reputamos justas, embora ecléticas:

a) Preliminarmente, como tencionávamos concentrar a pesquisa nas cores principais, dali derivando para os matizes, eliminamos a ordem alfabética, pois nivelaria todas. O problema tornar-se-ia maior em relação aos nomes latinos, porque alguns não são muito correntes, devido à sinonímia fértil; decidimos, então, partir dos termos portugueses.

(*). — Não estão completas, por carência de matrizes, as notações e transcrições gráficas de certos vocábulos deste artigo.

b) Quanto à divisão em cores básicas e intermediárias, não estamos sendo coerentes com os princípios físicos (1), pois a dupla oponente *branco e preto* (2) não figura entre elas, mas tem importância enorme do ponto de vista etimológico — pelo menos para o português — de tal modo que iniciamos a série com ela.

Segue-se o *vermelho*, que, a rigor, seria das primeiras cores enumeradas, se observássemos apenas a filiação lingüística (porquanto em latim mantém a raiz indo-européia). O par com o *verde* é aleatório, mas aqui valeu a conservação do étimo; embora se ignore a fonte, foi o único apelativo latino de cor a manter-se em todas as nossas línguas.

Azul e amarelo seguem-se, na programação, porque estiveram longo tempo associados, na Ibéria, ao árabe; hoje se refuta essa origem para o segundo termo.

Poderíamos ter colocado o *roxo* após essas cores, que entendemos como fundamentais; mas a íntima conexão com *vermelho* em latim (*russeus*) fez-nos agregá-la a essa designação, assim como outras cognatas, *ruivo* por exemplo. Pela matização, caberia também o *alaranjado* aí: mas a *cor de laranja* e a *cor de abóbora*, tão característicos a ponto de não terem outro nome, ficam à parte como oriundas dos respectivos frutos. No tocante a estes, não ousamos incluir o *marron* no grupo, uma vez que poucas são as pessoas que o associam à castanha; antes, julgam-no uma cor intermediária, tirante ao escuro, assim como as suas variações (pardo, moreno, etc.)

Não nos ativemos à cor de pele ou de olhos e cabelos, distintivas das raças; para nós interessa mais o nome atribuído pelos germanos a cores de cavalos, uma vez que elas predominaram sobre o original latino.

Talvez as cores do arco-íris fossem a mostra ideal, mas a'i faltam o *branco*, *preto*, *marron*, etc.

Por essas razões, elegemos um critério que respeita relações semânticas (como nos grandes dicionários modernos) e etimológicas;

(1) — Adotam-se como cores fundamentais o vermelho, o verde e o azul; qualquer cor pode ser obtida pela combinação dessas três ou até mesmo de duas. Resulta daí: verde + azul = azul claro, verde + vermelho = amarelo e azul + vermelho = violeta.

(2) — Do ponto de vista físico, o *branco* e *preto* são elementos-chave: representam “luz” e “não luz” (sombra). Ora, a luz é um fenômeno ondulatório e a diversidade das cores que podemos perceber decorre justamente da variação do comprimento das suas ondas.

seguem os empréstimos. Como, por associação de idéias, cresce o número de matizes das cores, damos um sumário de sua rica nomenclatura.

1 — OS NOMES DE CORES EM LATIM

a) O termo *color* (lat. arc. *colos*), -oris tem origem indo-européia, pelo que se depreende da comparação linguística. Ernout e Meillet (3) associam-no ao verbo *celo* “ocultar”, filiado à raiz *KEL- (4), em virtude de confrontos semânticos. Assim, o sânscrito *varnah* significa “exterior”, “aparência”, “cobertura”, “cor” (5) Também o grego *χρῶς*, -τος e *χρῶμα*, -ατος, ou *χρῶα*, -ας mostram semelhante evolução de sentido: “superfície do corpo”, “pele”, “cor da pele”, “cor” (A raiz destas palavras, *ghro(u)- / ghreu-, segundo Hofmann (6), liga-se à indo-européia, que admite as mesmas possibilidades significativas: superfície de um corpo, pele, cor da pele)

A formação de nomes de cores em latim mostra alguns sufixos indo-europeus, como -uo- e -bho- (7) Exs.:

- uo- Lat. *helvos* (-us-) “amarelado”, “castanho”, “pardo”;
lat. *fuivos* (-us) “amarelado”, “ruço”, cf. ant. alto al. *gelo* “amarelo”;
- bho- Gr *ἀργυρος* “reluzente como prata”; lat. *albus*, gr. *ἀλφός*;
lat. *galbus* “verde pálido”, “amarelo”

OBS.: *Discolor* é o adjetivo que designa um ser ou objeto de várias cores; para o incolor, usa-se a expressão “*sine colore*”

b) Adjetivos designativos de cores — Eram basicamente os seguintes: *albus*, *niger* (*ater*), *ruber* (e var.), *viridis*, *caeruleus* e *flavus* (e var.)

Variações de tonalidades determinavam bom número de sinônimos, conforme o objeto que servia como ponto de comparação. A origem indo-européia de alguns é clara; para outros apenas se pode estabelecer associação com substantivo de étimo controvertido.

(3) — *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine*, s.v.

(4) — Cf. Pokorny, *Indogermanisches Etymologisches Wörterbuch*, p. 553.

(5) — Stchoupak, Nitti e Renou, *Dictionnaire Sanskrit-Français*, s.v

(6) — *Etymologisches Wörterbuch des Griechischen*, p. 424.

(7) — Brugmann, *Grammaire comparée des langues indo-européennes*, § 403, p. 347

1. Eis as cores principais:

BRANCO — *albus* “sem brilho”, “pálido”, “sereno” (tema indo-europeu **albho-*, cf. Pokorny, pág. 30) Ex.: *albus color*, *alba avis* “melro branco; raridade”

Um derivado é *albidus* “esbranquiçado”: *albida uva* (8): o seu derivado *albidulus* tinha a conotação de “um tanto esbranquiçado”

Outros termos exprimem a semelhança com o que lhes deu origem: *lacteus*, *niveus*.

Por oposição a *albus*, que denota “palidez”, “ausência de brilho”, o vocábulo *candidus* exprime o “branco brilhante”: *dentes candidi* em Plínio (9)

PRETO — *Niger* e *ater* equivalem-se para indicar coloração: *alba et atra discernere* paralelamente a *alba et nigra discernere*, ambos em Cícero; *nigrum* “cor preta” e “*niger*” ou “*ater color*”; *lictōres atrī* “litores vestidos de preto” Todavia, *ater* pode exprimir “sombra”, “obscuridade”, mas particularmente se distingue de *niger* (segundo Ernout-Meillet), por indicar a idéia de “terror”, motivo por que aparece mais em poesia.

Ater subsistiu em raros casos nas línguas neolatinas; o composto *atramentum* “tinta” deixou vestígios no francês arcaico e permanece no log. *trementu* (REW 753) De étimo contestado, parece ter relação com o hábito de serem considerados “negros” os dias que sucediam aos idos, quando passara a lua cheia.

Niger, de maior difusão (10), sobreviveu amplamente em nossas línguas; quanto à sua origem, todavia, nada sabemos (é interessante frisar que não há termo indo-europeu para exprimir esta cor.)

VERMELHO — *Ruber* é o termo por excelência e representa a forma indo-européia (cf. sânscr. *rudhiras*, gr. *έρυθρός*, da raiz **reudh-*); está ligado a *rufus* (dialetal), *robustus*, *rubeus*, *rubens* e *russus*, com variantes.

As nuances de tonalidade exprimem-se por palavras correlatas como *rubens* “vermelho ardente” “purpúreo”, *rufus* “ruivo, avermelhado”, *rutilus* “vermelho brilhante”, *rubicundus* “muito verme-

(8) — Em Columela, *apud* Torrinha, *Dic. Português-Latino*, p. 189.

(9). — A fonte é sempre o Dicionário citado na nota acima.

(10). — Opõe-se a *albus*, *candidus*; mas pode exprimir também um sentido moral (“fúnebre”) ou mesmo referir-se a caráter, como o gr *μέλας* consoante exemplos de Cícero e Horácio (*apud* Ernout e Meillet, *Dict. Etym.*, p. 782).

lho”, *rubidus* “vermelho escuro”, *russus* “vermelho ou ruivo” (deste o derivado *russeus* “tirante a vermelho”, “que se pintou de vermelho”); ou ainda por palavras resultantes de comparação: *purpureus* “vermelho muito vivo”, *cocci color* “da cor do quermes” (11); *miniatus* “carmim, de cor vermelha viva”, isto é, da cor do *minium* “mínio” (12)

Também o adjetivo *burrus* (gr. *πυρρός*) “cor vermelha do fogo” (13) aparece em autores latinos.

Ainda a cor vermelha era designada pelo adjetivo *mulleus* (relacionado com *mullus*, tipo de peixe conhecido por “ruivo”), propriamente “purpúreo”. Aplicava-se o termo especialmente aos borzequins usados pelos reis de Alba e, depois, pelos senadores que tinham exercido a magistratura curul.

VERDE — *Viridis*, termo derivado de *vireo* (“estar verde” e, por conseqüência, “ter vigor”) é o adjetivo por excelência para indicar essa cor. Usa-se propriamente, segundo Torriinha, para a coloração da erva, mas tem caráter muito lato. São seus derivados *subviridis* “verde pálido, “esverdeado”, *virens* “fresco, verdejante”, *viridans*, particípio de *virido* “tornar verde”; *viridia*, neutro plural que passou a designar “planta” (14). Aparece também o derivado *herbaceus* para indicar a cor dos prados e o verde em geral.

Outro adjetivo referente a esta cor é *glaucus*, porém denota especificamente a cor verde-azulada, a cor do mar, ou ainda um verde desmaiado, acizentado; seria de fato “esverdeado”, um matiz da cor primitiva. Cf. gr *γλαυκός* “brilhante” e também “glauco”, isto é, “de tonalidade pálida entre o verde e o azul (da raiz * gel- “brilhar claramente”)”. Quanto a *galbus*, ou *galbinus*, exprime o “verde pálido” chegando a “amarelo”.

AZUL — O termo usado é *caeruleus*, propriamente a “cor do céu sem nuvens” (*caeruleus color, caerulei oculi*)

Aqui também se inclui *indicum*, anil, índigo (corante para tingir de azul), cujo étimo resulta do lugar de proveniência do corante, a Índia.

(11). — Do árabe *Kermes*, é uma excrescência vermelha e redonda, formada pela fêmea do pulgão sobre as folhas de um tipo de carvalho, e de que se extrai uma cor escarlate usada em tinturaria.

(12). — Designação vulgar do óxido salino de chumbo, de cor vermelho-escarlate.

(13). — Daí o port. *borro*, “carneiro novo”, segundo Meyer-Lübke, REW 1416.

(14). — É a origem do port. *berça* ou *verça*, variedade de couve galega; também daí o rom. *varza*, it. *sverza* e dial. do Norte (vên., lomb.), que o teriam disseminado para a Récia e Ibéria, cf. M-L, REW 9367

AMARELO — Como no caso anterior, a comparação determina o vocábulo, e ela se faz geralmente em relação com o ouro. *Flavus* “cor de ouro”, “louro”, é o termo que a exprime fundamenta’mente: *flavus ex auro*. Daí *subflavus*, que significa “um tanto louro” e o verbo *flaveo* “ser amarelo”, donde o particípio *flavens*.

Têm igualmente o sentido de “amarelo, amarelado” o vocábulo *fulvus* “fulvo, amarelo-tostado”, mas também “ruivo, ruço, pardo, cinzento”, e ainda, “de cor tirante a verde e verme’ho”; e *galbinus* ou *galbus* “verde pálido ou amarelo”, de étimo desconhecido.

Outro cotejo, com o açafão, em latim *crocum* (-s), -i, determinou o aparecimento do adjetivo *croceus* “dourado”, “amarelo” (*crocea chlamys*: clâmide tecida de ouro), donde os derivados *crocata* “vestido da cor de açafão”, *crocotula* “túnica feminina da cor do açafão”, etc.

Um amarelo carregado, semelhante ao da laranja, tem designação específica: *luteus*. Depois se amplia o campo semântico e passa a designar qualquer tom de amarelo. Origina-se de *lutum* “gauda ou lírio-dos-tintureiros”, “que serve para tingir de amarelo”, e, por extensão, a cor amarela do açafão, etc.

Outras comparações se fazem com a cor do amarelo, *melinus*, depois também “amarelo”, ou com a cor da cera, *cereolus*.

2. Entre as cores intermediárias, algumas das quais já mencionadas acima, estão as seguintes:

ALARANJADO — Para a tonalidade da laranja aparecem *flammeus* em Plínio e *flammeolus* em Columela, propriamente “da cor das chamas”; o fruto aparece como *malum aureum* (Verg.) ou *malum Medicum* (Plin.), “fruta da Média”

Também *luteus*, como dissemos, ocorre para designar esse tom forte: *luteum* “da cor da laranja”

RUIVO — Cor mista, entre amarelo e vermelho, exprime-se por *rufus* principalmente, mas também *ruber*, *russus* aparecem às vezes com tal sentido. Para cabelo ruivo, dá exemplo Torrinha com o *comae rutilatae* usado por Tito Lívio.

FUSCO — A cor aplicável ao que é “escuro”, “moreno” e até “preto”, como também ao que é “sinistro”, “sombrio” (e mesmo “sepulcra’”, referindo-se a voz) é *fuscus* (também em port. *fosco* “sem brilho”)

PARDO — *Pullus* (15) é o adjetivo designativo do que é “escuro”, “castanho escuro”, “entre preto e branco”, até “preto”: *pullum velamen* ou só *pullum* “toga escura” (e, por ser típica dos pobres, *pullus* também assumiu o sentido de “vulgar”)

3 Certas cores sugerem imediatamente o substantivo de origem:

CINZENTO — *Cinereus* (às vezes aplicado ao pardo que tende à cor de cinza); *cineraceus* equivale a “acinzentado”

ROXO — *Violaceus*, isto é, da cor da violeta (*viola*)

ROSADO — *Roseus*.

CASTANHO — *Murreus* significa “da cor da castanha” em Horácio e serve para designar cabelos castanhos: *murreus crinis*.

A fruta em latim diz-se *castanea nux*.

OBSERVAÇÃO:

Para a cor da azeitona encontramos a palavra *oleagineus*; contudo não achamos correspondente para a cor da abóbora (o fruto é *cucurbita*) ou para lilás (a flor chama-se *syringa*)

2 — OS DESIGNATIVOS ROMÂNICOS DAS CORES

Poderíamos tomar como ponto de partida as cores do arco-íris (vermelho, a'aranjado, amarelo, verde, azul, anil, roxo) Todavia, como procedemos com os nomes latinos e explicamos na parte introdutória, examinaremos nas línguas neolatinas (16) primeiro as cores fundamentais, seguidas das respectivas variações, e, depois, as mistas. Ei-las:

BRANCO — port. *branco* (alvo), esp. *blanco*, fr. prov. cat. *blanc*, it. *bianco*, rét. (eng. e rom. *alf*), sardo (log) *alvu*, da m (vegl.) *yualb*, rom. *alb*.

(15). — *Pullus* está aparentado com *palleo*, *pallidus* e a série mostra uma geminação expressiva (como também o adjetivo vulgar grego *πελλός*); o sentido geral é de “pálido” “azul pálido” ou “cinza”

A raiz original aparece em *palitas* “cinza (por velhice)” do védico e *pir* “cinza velho” do persa, como em *alík* “cabelo grisalho” do armênio.

(16). — A coleta românica foi essencialmente extraída do *Romanisches Etymologisches Wörterbuch* de Meyer-Lübke, mas com ressalvas, devido ao atual desuso de certas palavras e à reserva em aceitar sua derivação a partir de determinada língua, irradiando-se para as demais, como, p.ex., os termos germânicos da Ibéria, aos quais atribui mediação catalã, etc.

Um termo germânico, *blank*, dos mais antigos introduzidos no latim vulgar, predominou sobre o lat. *albu* no Ocidente europeu; na Ibéria teria o vocábulo entrado, segundo Meyer-Lübke (17), através das línguas da Gália, às quais associa o catalão. O sentido primitivo de *blank* era o de “luzente”, “brilhante”; vestígios de e temos na expressão “arma branca” (18), ou seja, reluzente, como a adaga.

Em português e italiano ficaram resíduos de *albus* por via erudita. Assim, *bianco* dominou categoricamente, dele provindo muitos derivados, como *biancheggio* “caiadura”, *biancheria* “roupa branca”, *bianchetta* “espécie de trigo”, etc., além de grande número de adjetivos; porém ocorre também a forma *albo*, que já figura como latinismo no remoto “*Indovinello veronese*” (19)

Em ambas as línguas temos o substantivo *alvo*; no italiano, com o mesmo sentido do lat. *alvus* e oriundo dele (“ventre, útero”) e, em português, para designar “mira, finalidade”, por transferência de sentido (pois o foco do alvo é preto)

O feminino *alba* foi bastante frutífero, no sentido de “aurora”: fr. *aube*, prov. *aubā* rét. (rom.) *alva*, it. *alba*, esp. *alba* e port. *alva* (nas últimas línguas também designa a veste sacerdotal das cerimônias religiosas)

O rético (rom. *alv*, eng. *alf*) inclina-se, apesar da enorme influência germânica, para a opção do Oriente, onde aquea foi muito reduzida: dalm. (vegl.) *yualb*, rom. *alb*. No veglioto, *blank* surge com sentido limitado a vestimentas e raramente. O romeno usa apenas *alb*, *alba*.

Variações do branco:

Os matizes do branco são expressos atualmente por meio de adjetivos como “argênteo” ou compostos do tipo “branco-gelo”, “branco-pérola”, “branco-marfim” e “branco-mármore”

PRETO — Port. *preto*, port. e esp. *negro* (donde o it. *negro* e fr. *nègre*, cf. REW 5917), fr. *noir*, it. *nero*, eng. *nair*, friul. *neri*, vegl. *niar* (do it.), preferentemente *cerno*, rom. *negru*.

(17) — *Introdução*, pág. 83, nota 1 e REW 1.152.

(18) — Antigamente tal designação era aplicada não só a punhais afiados como a qualquer peça de aço ou ferro branqueado das armaduras.

(19) — “*alba pratalia araba, & albo versorio teneba, & negro semen seminaba ..*” (cf. Monteverdi, *Manuale di Avviamento agli Studi Romanzi*, p. 131).

O termo *nigru* (*niger*) é pan-românico. Todavia, no português tem maior difusão *preto* (*negro* usa-se mormente para cor de pele), tanto que a oposição de “branco” sempre se faz com “preto” e não com “negro”

Muita dúvida suscitou o vocábulo *preto*, que também aparece na Espanha (*prieto*) com o sentido de “escuro”, “moreno”, ou ainda “apertado” (20)

O italiano também possui uma forma *preto* por *puretto* “genuíno”, “puro” (*vino preto, in preto fiorentino*), com sentido diverso, portanto.

Quanto ao nosso *preto*, variadas são as idéias a respeito de seu étimo.

Pensou-se em *pletu* “cheio”, mas tal forma não explicaria a espanhola, por impossibilidade de ditongação (21) Meyer-Lübke antes o associara a *appectorare* “apertar” (REW 540), dando a mesma origem ao advérbio *perto* Saíd Ali lembrou o port. ant. *preto* em vez de *perto*, pensando em mera coincidência. Maurer Jr., porém, elucida a relação entre ambas: teria havido uma forma com geminação expressiva * *preto*, variante de *pressus* (particípio de *premere*), que produziu o port. ant. *preto* e o mod. *perto*, assim como o esp. *prieto* *Pressus* (22) ficou somente no ital. *presso* e fr. *près*, assim como no sardo (log.) *de presse*.

No veglioto é interessante notar a manutenção de *fuscus*, tanto no sentido de “escuro” como de “preto”; nesta acepção, é a única língua neolatina a conservá-lo. Pelo italiano recebeu *niar*, mas o termo mais difundido provém do eslavo: *carna* (cf. sânscr *krśnah*), segundo Elmendorf (23)

VERMELHO — Port. *vermelho*, esp. *colorado, encarnado*, fr. *rouge*, prov. *roi* (mod. *rougé*), cat. *roig*, it. *rosso*, rét. (eng. *kócen*, rom. *tgietschen*), log. *ruyu*, dalm. (vegl.) *ruas*, rom. *rosiu, ros*.

Basicamente sobreviveu a palavra *rubeus* — com a alternante *russus*. Na Ibéria sobressai o português com o termo *vermelho* e na Récia a palavra *cocceus* “de cor escarlate” (cf. *coccum* “quermes”, à pág. 5)

(20). — Corominas, DCELC, confronta com *apretar* e *appectorare*.

(21). — Ver Nascentes, *Dic. Etimol. Lga. Port.*, s.v.

(22). — Em Plínio, o Jovem *pressus* aparece com o sentido de “escuro”

(23) — *An Etymological Dictionary of the Dalmatian Dialect of Veglia* (tese não impressa, Chapel Hill, 1951)

O port. *vermelho* procede do lat. *vermiculus*, diminutivo de *vermis*. A relação entre a cor e o verme explica-se pelo fato de ser extraída uma tinta vermelha, o carmim, do inseto denominado “cochinilha” ou “cochonilha” e caracterizado pela cor (al. *Scharlachwurm* “verme escarlate”)

O espanhol prefere o termo *encarnado*, propriamente “da cor da carne”, embora tenha possuído também *bermejo*, designativo do “rubio rojizo”, cf. Corominas (*DCELC*), que o especializa para terras, edifícios (*Torres Bermejas*, p.ex.), etc. Hoje se aplica, assim como o fr. *vermeil*, prov. *vermelh*, it. *vermiglio*, na indústria de tintas. Aliás, já é empregado em textos latinos tardios — exs.: “*palla vermicula*”, “*vestibus vermichis* (24) — e Corominas cita sua existência já nas *Etymologiae* de Sto. Isidoro. Desse radical temos ainda o fr. *vermillon*, nome da fêmea da cochinchilha, que originou o nosso termo “vermelhão”, substância tintória.

Houve uma opinião dissonante sobre o étimo * *vermiculu*; por ela, já existindo o adjetivo “vermelho” antes do uso da cochinchilha na indústria tintureira, seria preferível remontar ao gr. ὄρον [ὄράω] μῆλον (“da cor do rosto vermelho de pejo”)

Na Gália e Catalunha perdurou o latim *rubeus* (fr. *rouge*, prov. *roi*, mod. *rougé*, fem. *roujo*; cat. *roig*, *roja*) com o sentido próprio. Todavia, ele aparece no esp. *rubio*, equivalendo ao nosso “louro”, “cor de ouro”, e no port. *ruivo*, tipo de louro avermelhado, assim como no ital. ant. *robbio* e no sardo (log.) *ruyu*, o que nos permite supor a extensão original. Mesmo no romeno houve *roib*, aplicado à cor do cavalo alazão; hoje se usa *ros* ou *rosu*, cujo étimo seria *roseus* (25)

Russus “avermelhado” predominou no ital. *rosso*, friul. *ros*, fr. *roux* “ruivo”, “ruço”, vegl. *ruas*.

Notável é a permanência do lat. *coccinus* em grande parte do rético (eng. *kotsen*, sobress. *tgietschen*, tirolês *koetse*); mas o friulano tem *ros*. Igualmente no albanês, língua não românica, porém intensamente penetrada de elementos latinos, permaneceu o latim *coccinus* na acepção original: *kuq*.

ROXO Citamo-lo imediatamente após o VERMELHO, devido às afinidades de origem: provém de *russeus*, no lat. “tirante a vermelho” e só ficou no português, castelhano e dialetos italianos do centro e sul.

(24) — Cf. Bourciez, *Eléments*, § 202 d, p. 211).

(25) — Meyer-Lübke indica para o romeno a forma *rus* (de *russus*) para indicar o “vermelho louro” (REW 7466)

Em português deu *roxo* (Brasil) e *roixo* (Portugal), e no espanhol, *rojo* “roxo e vermelho ardente” Em passagens de Camões, lemos “a roxa Aurora”; no espanhol o sentido é também “vermelho”, “cor de sangue” (ao nosso “roxo” corresponde “morado”, cor da amora)

Na Itália aparece dialetalmente: marques. rom. *rusu*, etc. (a nossa tonalidade roxa equivale em italiano a “*violaceo*”, “*paonazzo*, *purpureo*”)

Variações do vermelho:

CARMIM — (subst. e adj.) Representa uma tonalidade vivíssima do vermelho; também se emprega para indicar o inseto que produz o corante designado por *carmim*, usado na pintura do rosto.

Origina-se do cruzamento da palavra árabe *qarmaz* ou *qirmiz* “escarlate” com o lat. *minium* “zarcão”, donde a forma * *carminium* que gerou o port. *carmim* e esp. *carmin*. Da Ibéria teria emigrado, produzindo o fr. *carmin* e o it. *carminio*.

É interessante observar que o termo árabe designa a “cochonilha” e apresenta a raiz persa *kirm* “verme”, donde a possibilidade de ser um cognato indo-europeu de *vermis* (26) Nascentes associa a esta palavra, com o artigo árabe, o port. *alquermes* (27), equivalente a “grã”, isto é, lã ou tinta de cor escarlate (cf. sânscr. *krmis*, “verme”)

CARMESIM — Outra variante do vermelho forte.

Como o esp. *carmesi*, procede do árabe: *kermaz* ou *kirmizi* (REW 4703 b) Daí o it. *cremisino*, fr. *cramoisi*.

Lima Coutinho (28) inclui o vocábulo entre os de origem sânscrita, enquanto J.J.Nunes o tira direto do árabe *quirmezi* (29)
ESCARLATE — Iguualmente vermelho vivo.

No lat. med. surgiu a palavra *scarlatum*, que parece vinda do persa *sakirlat* ou *saklat* por via árabe. Daí procedem o it. *scarlato*, fr. *écarlate*, prov. *escarlat*, port. e esp. *escarlate*.

(26) — Elcock, *The Romance Languages*, p. 290.

(27) — Há em português o substantivo *alquermes* que indica um licor napolitano extraído do *quermes* vegetal, que lhe dá a cor

(28). — *Pontos de Gramática Histórica* 4. ed., p. 213.

(29) — A transcrição da grafia árabe difere segundo o autor; respeitamo-la, receando uniformizar fonemas diversos.

Para Elcock (30), o termo árabe (*siquillat*, *siquirlat*) foi extraído de uma forma do grego bizantino (σίγιλλατος) que em latim corresponde a *sigillatum* (*textum*), ou seja, “tecido estampado”

Oriundas de nomes de seres marinhos são as designações de duas cores: a de púrpura e do coral.

PURPÚREO, PÚRPURA — Designa um “vermelho escuro”, cor da *púrpura*, matéria corante extraída de um molusco e originária do gr. *πόρφυρα* através do lat. *púrpural*. É muito usual o derivado *purpurina*.

O espanhol, como o português, tem o erudito *purpúreo*; o italiano usa *porporino* ou *color porpora*, mesmo *corallo*

CORAL — Hoje se emprega tanto para o substantivo de origem (secreção calcária formada pelo esqueleto dos pólipos do mar), como para o nome da cor. Procede do gr. *κοράλλιον*, pelo lat. *corallium*.

São galicismos, o segundo já vernaculizado, referentes a tonalidades escuras do vermelho:

BORDEAUX (31) — De grande vitalidade, não obteve ainda naturalização gráfica. Mesmo quanto à cidade, quando se pensa no produto famoso, repele-se o termo vernáculo; não há como dizer “vinho de Bordéus”, pois o nome francês está associado, para nós, àquela especialidade.

A cor atribuída ao substantivo *bordeaux*, em dicionários franceses, é o “*rouge violacé*”

GRENÁ — Designa o “vermelho escuro”, cor da granada ou romã. Do fr. *grenat*, que indicava na Idade Média, segundo Bloch-Wartburg, pedras preciosas em geral, donde a associação de cores. Houve no francês arcaico a expressão *pume grenate*, depois *pomme grenade*, ou seja, granada (fruto de cor vermelha viva, de árvores típicas dos países mediterrâneos)

O vocábulo seria de origem latina (*granum*), tendo entrado no francês por via dos dialetos da Itália Setentrional, como o milanes *pom granat*.

(30). — *Idem, ibidem*.

(31). — Em pesquisa feita com estudantes universitários e colegiais, sobre a grafia desta palavra, triunfou completamente *bordô* (ainda não dicionarizada).

VERDE — Port., esp., it., rom. *verde*, cat., prov., fr. *vert*, sardo (log.) *birde*, rético (eng. *verd*, friul. *vert*), dalm. (vegl.) *viard*.

Panromânico, ligado a *uireo* (“ser verde”, quanto à planta, e “ser forte”, quanto a homens) Tem grande número de derivados: *verdura*, *verdasca*, *verdugo* (32)

A forma com a perda da postônica já é documentada no *Appendix Probi*, n.º 201.

Variações do verde:

Para indicar a tonalidade entre o verde e o azul, temos em português *glauco* (ver pág. 5) e ainda *garço*.

GLAUCO — “de cor verde-azulada” Do lat. *glaucus* (gr. *γλαυκός*), tem a mesma forma *glauco* no português, espanhol e italiano; o francês tem *glauque*.

Nota: Alguns autores filiaram a palavra *louco* a *glauco*; foneticamente seria admissível, mas não do ponto de vista semântico.

GARÇO — Também “verde azulado” (33), talvez oriundo de *zarco* (hisp.-árabe *zarqa* “azul”) com metátese; mas outros étimos têm sido propostos.

AZUL — Port., esp. *azul*, cat., prov. *blau* (donde it. *biavo*, *biado*), fr. arc. *blou*, *bleve*, mod. *bleu* (donde it. *blu*), rét. (rom. *blau*, eng. *blou*), dalm. (vegl.) *zelest* (?), rom. *albastru*.

A forma latina *caeruleus* desapareceu principalmente em favor da germânica (frâncico *blao*) e, ainda, na Ibéria (com exceção da Catalunha) da persa (talvez de origem sânscrita), introduzida pelos árabes (*lazurd*, com deglutinação do suposto artigo) Equivaleria essa palavra à expressão do baixo latim *lapis lazúli*, do lat. *lapis* “pedra” e persa *lāzwārd* “pedra azul”, pelo árabe *lazwardi* “azulado”

O nosso termo *azul* parece ter entrado, segundo J.P.Machado, pelo provençal *azur*, que remontaria ao it. *azzurro*, ant. *lazzurro*; aliás, temos em port. arc. a forma *azur*

(32). — O port. e esp. *verdugo*, it. *verduco* originalmente exprimiam a vara verde com que se aplicavam castigos; do objeto transferiu-se o sentido de tortura ao que o impingia.

(33). — Corominas especifica-o como “azulado”, cor aplicável de modo particular aos olhos.

Na região do galo-íta'o-romance existe uma grande faixa, a que adere o catalão, na qual se implantou um termo germânico: frâncico *blao* (34) No francês antigo houve ainda *pers* (=da Persia)

Também o italiano usa *celestes* que aparece, talvez por essa via, no veglioto (35); *blu* tem o sentido de “azul claro”, enquanto *azzurro* significa “azul marinho” Para o azul escuro igualmente se usa *turchino* ou *ferrete*.

Variações do azul:

Referem-se em geral a comparações ou matizes de tonalidade (azul marinho, ferrete, etc; azul pálido, água, etc.)

Muito comum é a denominação “azul turquesa”, devido ao mineral azulado, que deve o nome ao fato de terem as pedras sido levadas da Pérsia para a Europa através dos turcos. *Turqui* diz-se para a “cor azulada”

ANIL — Esp. *añil*, it. *indaco*, fr *indigo*. Do persa *nil* (sânsr *nila*) “azul escuro”, pelo árabe *nilah* (com o artigo *an nilah*) “índigo”

É palavra usada para tintura, na origem o nome da planta da qual se extrai a tinta.

Na Itália, para a cor permaneceu o termo latino (a planta chama-se também *anil*, *anile*), assim como na França.

AMARELO — Esp. *amarillo*, fr *jaune*, it. *giallo*, rét. (rom.) *mélen*, log. *mélinu*, dalm. (vegl.) *dzuoino*, rom. *galben*.

O termo que prevaleceu na Ibéria deu margem a dúvidas: as opiniões dividiam-se entre o árabe — quer de *amrah* “esbranquiçado”, quer de *âmbar*, peixe do qual provinha o âmbar cinzento, que teria passado a amarelo — e o latim *amarus* com sufixo diminutivo, devido ao amargo da bÍlis, de cor amarelácea (ou, mesmo, à cor das pessoas atacadas de icterícia, moléstia determinada pela secreção biliosa, ou humor amargo)

Hoje está refutada a hipótese árabe, pois, segundo Corominas (DCELC), o termo *amrah* “branco” é raro em árabe, e, quanto ao

(34). — A forma primitiva do germânico seria *blew-*, *blewa* e teria passado a *blaw-*, *blawa*. Daí surgiu o fr. arc. *blef*, *blou* (do mesmo modo que o lat. *nave* a *nef* e *cava* ao fr. arc. *choue*) O lombardo seria semelhante ao franco, podendo-se encontrar no ital. *biavo* (Ver Meyer-Lübke, *Introdução*, pág. 96).

(35) — Bartoli, *Das Dalmatische*, v. II, Textos, II, col. 44.

âmbar, só foi introduzido na Espanha o de cor cinzenta e não o amarelo — além de que as leis fonéticas não teriam nesse caso permitido o desaparecimento da bilab.al.

Em português o vocábulo é antigo, aparecendo já no séc. XII:
“ et inde per pinnam amarelam. ” (36)

No francês e no romeno conservou-se o adjetivo latino *galbinus*: fr. *jaune* (ant. *jalne*) e rom. *galben*.

A forma antiga francesa penetrou no provençal (*jaune*), italiano (*giallo*) e mesmo no espanhol, como *jalde* (37)

No português hoje ainda se consignam *jalne* e *jalde* “cor de ouro, amarelo vivo” Também de *galbinus* podemos citar o franco-provençal *dzuono*, citado por Tagliavini (38), e vários dialetos italianos, como piem. *gaun*, lomb. *gald*, calabrês *galinu*, etc.

Ainda o lat. *mélinus* “da cor do marmelo” logrou representantes no rético (*melen*) e no sardo (com a proparoxítone original: *mélinu*)

Variações do amarelo:

Fulvo e *flavo* têm escassa ocorrência em português: *louro* é de muito maior disseminação.
FULVO — “alourado”, “de cor amarelo-tostado”

Do vulgar *falvus*, oriundo do germânico *falwa*, temo-lo no fr *fauve* (39) “ruivo, dourado”, it. *fulvo*, prov. *falb* (donde a forma também usada em italiano, *falbo*)

Note-se que essa raiz germânica aparece na Ibéria, com o sufixo latino -ARIU, produzindo o port. *fouveiro* “ruivo”; malhado de branco (scil. “cavalo”); esp. *overo* “cor de ovo”

FLAVO — “louro, fulvo” “da cor do trigo maduro”, “da cor do ouro”

É um equívoco de *fulvo*, mas remonta ao lat. *flavus*, de largo uso e que indicava o “amarelo louro”: “*flavus non flaus*” é a glosa n.º 62 do *Appendix Probi*.

Também no espanhol há o vocábulo *flavo* “amarelado” As demais línguas usam o termo germânico acima.

(36). — José Pedro Machado, *Dic. Etim.*, verbete *amargo*, p. 182.

(37). — Corominas, DCELC, verbete *gálbula*, p. 626.

(38). — *Le Origini delle Lingue Neolatine*, § 70, p. 373.

(39). — Pode-se aplicar a animais: “*les bêtes fauves*”

LOURO — “cor média entre o dourado e o castanho claro”
Corresponde ao esp. *rubio*, fr. *blond*, prov. *blon*, it. *biondo*, log. *biondu*, rom. *blond*.

A maioria dos termos procede do germânico * *blund* (40) Através do provençal penetrou esse termo no espanhol, *blondo*. O francês até possui um uso afetivo dele: *blonde* significa a “jovem casadoura, a querida” (REW 1179) Costuma-se atribuir essa designação ao tom de cabelo dos germanos.

Quanto ao port. *louro*, várias origens foram levantadas no passado, como *aureus* (com ag'utinação do artigo), * *roro* (de *ruber*), *luridus* “pálido, amarelado” com influência de *aurum*; hoje são tais hipóteses rechaçadas, dominando o étimo *laurus*, isto é, a árvore conhecida como “loureiro” (feminino, em latim, com troca de gênero no romance) Em Vergílio temos *viridans laurus* “loureiro verdejante”

Qual seria a relação entre a cor e a árvore?

O esp. *loro* significa “de cor escura” e procede, como o catalão antigo *llor* e galego *louro*, gascão *lauret*, albanês *lare* (todos designativos de animais que têm manchas escuras), do lat. *laurus*, possivelmente, segundo Corominas, devido à tonalidade escura que diferencia seu verde do de outras plantas. É provável, contudo, que o nome se deva à cor da flor do louro.

CORES INTERMEDIÁRIAS

MARROM

O português exprime a cor da castanha por “marrom” (41), termo que extraiu do fr. *marron*, designativo da “castanha” e “cor da castanha” (são famosos os “*marrons glacés*”, isto é, castanhas cobertas, cozidas em açúcar)

Como indicativo de cor, fica invariável em francês, por consciência da origem (com elipse da expressão “couleur de”): “*une robe morrom*”, “*des habits marrom*” (42)

(40). — Talvez do franco, mas suas procedência é difícil de atinar, segundo Elcock.

(41) — Apesar de galicismo, penetrou completamente na língua, malgrado a oposição de puristas, como Mário Barreto: “deve refugar-se como galicismo o emprego do vocábulo francês *marron* para designar a cor da castanha” (o.c., p. 375, nota 1)

(42). — Bourciez, *Eléments*, p. 676; M. Barreto, *Novos Estudos*, p. 377

Quanto ao étimo do vocábulo francês, supõe-se que tenha um fundo lígure. Meyer-Lübke (REW 5375) fá-lo provir de **marro*, -*one* “castanha”, pelo it. *marrone* “castanha grossa, castanheiro” (cf. *marronsechi* “castanhas secas ao forno”) Teria primeiramente sido adotado na zona lionesa (“*marron de Lyon*” em 1554) e é elucidativo reencontrá-lo no milanês *marrone* (43)

O italiano traduz o denominativo de cor por *castagno*, *avano*, *lioneto* (44), embora ocasionalmente se consigne *marrone* nos dicionários para esse efeito.

Variações do marrom:

A principal variação é o *castanho*, que em outras línguas sofre concorrência de *bruno*, outra palavra germânica: cf. fr. *brun*, aplicável a cabelo castanho. Na Ibéria ocorre *pardo*. Ademais, são frequentes as tonalidades claramente associativas: *havana*, *camurça*, etc.

CASTANHO — Esp. *castaño*, fr. *châtain*, it. *castagno*.

O termo no espanhol e italiano é designativo da árvore e também da cor, enquanto no francês é regressivo do nome da fruta, *châtaigne*.

BRUNO — “escuro, tirante a negro”

Port. e esp. *bruno*, cat. *bru*, fr., prov. *brun*, it. *bruno*, rét. (eng. *brün*, rom. *brin*)

Do germânico *brun* (REW 1.340), facilmente reconhecível através do ingl. *brown*, al. *braun* (cf. *braunäugig* = de olhos castanhos)

Meyer-Lübke cita que o port. e esp. *bruno* devem ser empréstimos, pois em castelhano nenhum nome de cor vem diretamente do germânico (45) e, em português, a terminação vernácula seria -*um*; além disso, os vocábulos correspondentes propriamente ao al. *braun* são: *pardo*, *moreno*, *bazo* (port. *baço*)

O adjetivo de cor na Ibéria é de escasso uso; aplica-se mais a nomes próprios. Na Gália e Itália teve maior desenvolvimento, significando de modo geral “escuro” — e daí as variações “moreno, trigueiro, pardo, fusco” — e, figuradamente, “sombrio”

(43) — Bloch e Wartburg, *Dict. Etym.*, s.v.

(44). — Existe o adj. *lionato* para o “colore fulvo característico del

(45). — *Introdução*, p. 83.
pelo del leone” (Zingarelli, *Vocabolario della Lingua Italiana*, s.v.)

(46). — *The Romance Languages*, p. 209.

Segundo E'cock (46), teria surgido entre os francos do norte um verbo oriundo desse adjetivo, donde o fr. *brunir* e o it. *brunire*, ambos com o sentido de “dar lustre”, “polir”. Também o port. *brunir* e esp. *bruñir*, proveniente deles, significam “lustrar”

PARDO — Exclusivamente do português e espanhol.

Do lat. *pardus* “leopardo”, originário do gr. *πάρδος*, igualmente “leopardo” (47). Ou de *πάρδαλος* “pardal”, sugere Corominas (o.c.), pois ambos os animais têm cor escura.

Nota: O romeno tem o adj. *plavan* para indicar o “pardo claro”, “ruço”, com o autêntico sufixo eslavo.

TRIGUEIRO — Não é difícil associar à cor do trigo maduro, a “moreno”. Diz-se *trigueño* no espanhol e *frumentino* (“moro, *abbronzato, bruno*”) no italiano.

MORENO — Do esp. *moreno*, procedente de *moro* “mouro”, devido à cor da pele desse povo, embora pertença à raça branca.

FUSCO — “escuro, trigueiro, pardo”

De *fuscus* “escuro, preto, moreno; sombrio”

Nas *Leyes de Moros*, segundo Corominas, vemos identificados vários destes adjetivos: “muchos bueys castaños, otros foscos e loros”

TANADO — “trigueiro, que tem a cor da castanha”, “curtido”

Outro adjetivo para a mesma tonalidade, tem menor uso: port. *tanado*, fr. *tanné*, it. *tanè* (do fr., como a forma port.; o étimo de *tanner* é obscuro)

Havana e camurça, como dissemos, prendem-se a comparações.

HAVANA é a cor do charuto procedente da cidade de Havana.

CAMURÇA designa a cor de animal cuja pele é aproveitada em confecções. Aparece dos Alpes à Península Ibérica:

Port. *camurça*, esp. *gamuza*, cat. *camussa*, fr. *chamoix*, it. *camoscio*, rét. eng. *kámuotsch*, friul. *kámuts*, tirol. *kyamorts*)

(46) — *The Romance Languages*, p. 209.

(47). — Deste veio o latim, como também *pardalis* é empréstimo de *πάρδαλις*. Ambos os vocábulos nomeiam a “pantera” (note-se o gr. *κάμηλο-πάρδαλις* “girafa”), e teriam sido importados pelos gregos de uma língua não indo-européia da Ásia Menor, segundo Hofmann (cf. sânscr *pridakus* “serpente” e “pantera”)

Pela extensão do território, nota-se que o lat. *camox*, *-ocis* procede de um subsubstrato existente nessas regiões e o primitivo termo indicava um animal típico das altas montanhas (48)

Outras cores intermediárias

Apresentamos anteriormente as cores que podiam propender ao marrom; agora mencionamos o bege e o cinza, ditos “cores mistas”

BEGE — “de cor amarelada, como a lã no estado natural”

Do fr *beige* (sarja de lã não tingida), fr. arc. *beges*. Meyer-Lübke (REW 923) tira-o do ital. *bambagio*, que vem do lat. *bambax*, *-ace* “lã de árvore” (fr arc. *bambais*, eng. *bambesen*, log. *bambage*, it. merid. *vamma-ce*) Bloch e Wartburg, porém, ressaltando que se diz “laine beige” apesar de estar contido no adjetivo o sentido de “cor da lã natural”, consideram difícil aceitar esse étimo, por causa do desaparecimento da sílaba inicial.

CINZA, -ENTO

Embora haja o correspondente derivado de *cinza* em outras línguas (esp. *ceniciento*, fr. *cendré*, it. *cenerino*), o termo específico para a cor mista entre branco e preto é o *gris*, do germ. *grisi* (cf. al. *grau*), de onde procedem o fr., prov., cat., esp. *gris*, it. *grigio*, rom. *gri*. (49)

Gris também existe em português, embora não divu'gada entre nós: corresponde ao “cinzento azulado, tirante a azul pardo” Maior disseminação têm seus compostos, dos quais é interessante *gridelém*, consignado nos dicionários como tradução de “gris de lin”, para indicar a cor da flor do linho.

Nota:

Fr BIS — Semelhante em forma e sentido ao germânico *grisi*, a palavra de mesma procedência, *bisi*, deu o fr. *bis* (*le pain bis*), prov. e cat. *bis* e it. *bigio*, diz Elcock (e dessa teria havido um desenvolvimento dialetal no séc. XIII para originar “*beige*”)

Bloch e Wartburg limitam-se a rotular o vocábulo francês como de étimo desconhecido. Não lhes parece justa a afirmação de

(48). — Cf. Vidos, *Manual de Lingüística Románica*, p. 217.

(49) — Da área galo-romance é que o vocábulo saiu, diz Elcock, para dar o port. e esp. *gris*, it. *grigio*.

Meyer-Lübke de que *bis* poderia ser uma transformação de *grisi* (REW 3873) Também para o italiano *bigio* apela-se para outras fontes, como o lat. med. *bysius* (50)

Bis e *bigio* traduzem o nosso “trigueiro, pardo, cinzento”

OUTRAS DESIGNAÇÕES DE CORES

Certos nomes de frutas, flores ou mesmo animais (como o cavalo) evocam logo a sua cor; examiná-los-emos, pois, considerando a importância dos primeiros no conjunto crômico e a dos últimos, porque uma classificação rudimentar de cores se fez inicialmente tendo por base a dos cavalos.

Nomes derivados de cores de frutas

LARANJA, ALARANJADO

O nome da fruta é de origem persa, *naräng*, e foi-nos transmitido pelo árabe *naranga*, propagando-se pela România sob as formas seguintes:

Port. *laranja*, esp. *naranja*, cat. *taronja*, fr. *orange*, prov. *auranja*, it. *arancia*, ven. *naranja*, rom. *naranta*.

Em português houve, segundo Corominas, dissimilação; José Pedro Machado arrisca levantar a possibilidade de uma forma árabe vulgar, *laranjâ*.

Em francês o termo já é antigo (*pomme d'orange* surge em 1300 e parece calcar-se no ital. ant. *melarancia*) e a vogal inicial deve explicar-se por influência da cidade de Orange, pela qual as frutas eram enviadas para o Norte. Pensou-se em *or*, pela associação da cor ao fruto, mas é preferível a hipótese do topônimo, pois há séculos se diz “*pomme d'Orange*”

O espanhol manteve bem a forma original: mas o catalão apresenta uma dental por causa da existente no nome de um tipo de laranja em árabe, *turung*, que também há no resto da Ibéria (51)

Transpondo os Pirineus, a palavra perdeu a nasal inicial, possivelmente por sentir o povo nela parte do artigo indefinido. No entanto, na Itália, encontramos dialetalmente — no vêneto — uma forma com a nasal, que se supõe ter dado origem à romena.

(50). — Spinelli e Casasanta, *Dizionario Completo*, s.v.

(51). — Além de “*taronja*” existe nessa língua a palavra “*naronja*”, que significa o mesmo que esp., port. *toronja* (limão ou laranja de casca grossa e cheia de tubérculos) Cf. REW 9001 a.

Quanto ao adjetivo referente à cor da laranja, o “alaranjado”, mostra aférese da vogal inicial em italiano: *rancio*. Temos igualmente *arancino*, *arancione*.

OBS.: O termo de origem persa, como a fruta, aplica-se a uma espécie de laranja amarga, pois a doce foi trazida da China pelos portugueses (cf. it. *portogallo*, rom. *portocaia*), como denota o alemão *Apfelsine* (“maçã da China”); depois houve extensão ao gênero todo.

ABÓBORA

O nosso vocábulo procede de um latim tardio **apopora* de *apopores*, citado por Sto. Isidoro nas *Etimologias*, mas cuja fonte se ignora. Além do português, só existiu no moçárabe: (*a*)*bobra*, *buebra*.

O italiano tem *zucca* (52) No francês, *courge* (ou *citrouille*, no Norte), e no romeno, *cucurbeta*, encontramos continuadores do lat. *cucurbita* (a palavra francesa mostra cruzamento com o sufixo *-ica*)

Designativos de flores

ROSA — Port., esp., cat., prov., it. *rosa*, fr. *rose*, rét. (rom.) e sardo (log.) *roza*, dalm. (vegl.) *ruosa*, rom. *roza*.
Do lat. *rosa*, possivelmente relacionado com o gr. ῥόδον, emprestado a alguma civilização mediterrânea (53)

Savi-Lopez, mencionando que o nome do Monte Rosa se deve à brancura das geleiras, que reflete uma tonalidade rósea, afirma que ainda nos Alpes se usa a palavra para “g’aciar” e que sua origem, certamente não latina (afasta as hipóteses celtas e etruscas), poderia ser do antigo rético, devido à coincidência de área (54)

Nota: Recebe o nome de *rosicler*, tom misto entre a cor da rosa e da açucena, uma variação do rosa, indicativo do “suave rosado da aurora” (a influência francesa é nítida no segundo elemento do composto)

VIOLETA — Port. e esp. *violeta*, it. *violetta*, cat. *viola*, fr. *violette*, rom. *vioara*.

(52). — De um vulgar **cucutia*, de onde procedem formas dialetais italianas (REW 2369).

(53). — Cf. Ernout e Meillet, *Dict. Etymol.* A manutenção do *-s* não ofereceria surpresa, explicam, de acordo com teoria já levantada a qual a proveniência seria etrusca.

(54). — *Orígenes Neolatinos* (trad. esp.), p. 254-255.

O termo do português e espanhol foi extraído do italiano *violletta*, diminutivo do lat. *viola*. Este foi representado no fr. arc. por *viole*, de escassa vitalidade, e ainda no catalão por *viola*, como no romeno por *vioara*.

Meyer-Lübke (REW 9357) também indica *viole* para o friulano e *viola* para o italiano, engadino, assim como para o provençal, catalão, espanhol e português.

“*Color viola*”, para o italiano, e o adjetivo *violet*, para o romeno, figuram nos dicionários; também no francês, *violet* (formação regressiva)

LILÁS — Port., esp. *lilá*, it. *lilla*, fr. *lilas*, rom. *liliac*.

É o nome de um arbusto e sua flor, assim como do cheiro que esta exala e de sua coloração violeta.

O vocábulo provém do fr *lilas*, anteriormente *lilac* (55), e este do persa *lilak* (também *nilak*) “azulado” diminutivo de *níl* “anil”, pelo árabe *lilâk* “*lilá*, arbusto”

Diz-se em português *lilás* ou *lilá*, *-ases* (56) Existe também no espanhol, *lila*, mas nenhuma das línguas ibéricas o recebeu diretamente do árabe, mas por intermédio do francês, visto que as primeiras documentações da palavra em ambas as línguas são tardias, dos últimos séculos.

O italiano também recebeu *lilla* (*colore dei fiori di lilla*) pelo francês, assim como o romeno que apresenta *liliac* (o adjetivo é *liliachiu* “cor lilá”)

Nomes de cores de cavalo

Poucos são latinos (cite-se *badius*, que originou o port., it. *baio*, esp. *bayo*, fr. *bai*) Na maioria foram-nos legados pelos germanos e, reduzidamente, pelos árabes; no caso dos primeiros, sua importância foi enorme, porquanto alguns adjetivos de cor latinos foram sobrepujados pelos seus.

a) As designações germânicas de cores, introduzidas no léxico vulgar em época antiga — pertencentes ao fundo comum germânico ou primeiro estrato, no qual não se distinguem ainda características dialetais, como lombardo, gótico, franco, etc. (57) — são

(55). — Também é do inglês, certamente por via gaulesa.

(56). — Mário Barreto, o.c., p. 377/nota 3, só admitia como genuína a forma *lilá*, pl. *lilás*. Quanto à grafia *lilaz*, *-zes*, então usada, considerou-a “caricatura do fr *lilas*”

(57). — Meyer-Lübke, *Introdução*, pág. 96.

quatro: *blank, brun, grisi, falwa*. Explica-se a hegemonia que tiveram sobre os nomes latinos pela disseminação que lhes dava o facto de serem atribuídos a cavalos. Houve uma teoria pela qual seriam essas quatro as cores usadas pelos soldados germanos para pintar seus escudos, mas tem-se admitido a anterior como mais viável (58)

Posteriormente os francos trouxeram outras denominações de cores (como o difundidíssimo *blaw*) e entre elas há mais uma designativa de cavalos: fr *saur*, ant. *sor* (59) Equivaleria aproximadamente ao “alazão”; traduzem-na os dicionaristas por “amarelo torrado” Encontramo-la no Glossário de Reichenau, na forma *sora* para explicitar *rufa*, e também na Chanson de Roland (60) Da França foi o vocábulo introduzido na Inglaterra, igualmente para designar cavalos (*sorrel*=“azedo; alazão”)

b) Do árabe, que tinha muitas denominações para as cores de cavalos, posto que os seus eram os melhores do mundo, citam Iordam e Mano'iu (61) dois para a Ibéria, um dos quais muito disseminado:

Alazão, esp. *alazán* — Do árabe *alazar* “raposa”; atribui-se o nome ao cavalo de pêlo avermelhado, cor de canela.

Argel (esp) — O espanhol recebeu-o do ar. *argel*; designa o cavalo preto com manchas brancas nas patas.

Em português, por mera associação à cor dos objetos, podemos enumerar grande número de apelativos de cavalo:

alazão (cor de canela), *baio* (cor de ouro desmaiado), *castanho*, *chumbado*, *malhado* (que tem manchas), *pardo*, *pedrês* (malhado ou sarapintado de preto e branco, como pedras de tais cores), *rosilho* (que tem o pêlo avermelhado e branco, dando o aspecto de rosado), *ruão* (que tem o pêlo mesclado de branco e pardo, ou de pêlo branco com malhas escuras e redondas), *tordilho* (cor de tordo, i. é, pêlo negro e malhas brancas)

Ainda outras tantas designações se aplicam, a partir de uma comparação: “cavalo cor de palha”, “cor de café-com-leite”, etc.

(58). — Elcock, *o.c.*, p. 208 e 209

(59). — Originalmente o fr. arc. *sor* teria o sentido de “seco, enxuto” (ant. al. *soren* “secar”), pelo que se atribuiu à cor de objetos secos, tais como as folhas.

(60) — “Li Marganices sist sur un ceval sor” (*apud* Elcock, p. 249).

(61) — *Manual de Lingüística Románica*, p. 142.

OUTROS APELATIVOS DE CORES:

Poderíamos ter feito uma divisão entre cores atribuíveis a seres do reino animal, vegetal e mineral. Explicamos inicialmente que demos ênfase na ordenação às afinidades etimológicas; daí porque os nomes de cavalos tiveram preeminência, no que tange a animais.

Citaremos agora uma ave conhecida exatamente pelo distintivo da cor: a galinha (ou galo) *carijó* “que tem as penas salpicadas de branco e preto”

No domínio animal, ainda, temos, entre os aquáticos, o *salmão*, peixe de carne avermelhada, tirante ao rosa e de muito sabor: port. *salmão*, esp. *salmón*, fr. *saumon*, it. *salmone*.

Entre os minerais, muitos evocam imediatamente a cor, não só as pedras preciosas, como *ametista* (variação do roxo), *esmeralda* (verde), *diamante* (branco brilhante), *jade* (esverdeado), *opala* (azulado, mas variável conforme a luz), *rubi* (vermelho), *safira* (azul), *topázio* (amarelo), etc. mas também os metais: *chumbo* (gris azulado), *cobre* (avermelhado), *cobalto* (arroxeado), *ouro*, *prata*, *platina* (branco), etc.

“Cor de pérola” usa-se muito para designar uma leitosa, propriamente da *madrepérola*, cor da parte nacarada da concha de um molusco que tem esse nome (o nácar em verdade é uma substância branca, brilhante, com a propriedade de refranger a luz agradavelmente à vista e que se acha no interior das conchas.)

Outros elementos identificáveis pela cor e de aplicação na pintura são o *ocre* (ou *ocra*), argila de tom amarelo desvanecido, e a *sépie*, substância escura que tende para o marrom e é segregada por sibas.

Nota: Não exploramos o étimo das palavras acima relacionadas, pois visávamos, desde o início, apenas ao estudo dos nomes de cores; os casos de “cor de laranja, de abóbora” diferem dos associativos, embora seja igual o processo, pelo conceito que exprimem (não há outro termo para definí-las)

EXTENSÃO DOS NOMES DE CORES POR ASSOCIAÇÃO DE IDÉIAS

Partindo das cores que vulgarmente diríamos fundamentais (sem observar os princípios da física), encontramos tão grande número de nuances que até falta especificação para algumas (62)

(62) — Diz Mário Barreto que “as cores são tantas como os corpos em cuja superfície reflete a luz, fazendo impressão na retina.” *Novos Estudos*, p. 375-376.

Adotam-se então critérios comparativos, o que eleva enormemente em todas as línguas as possibilidades cromáticas.

A indústria das tintas apresenta cada vez maior variedade, impondo tons novos para os corantes, tanto para tecidos, esmaltes, como para tintas de parede, automóveis, etc.

No concernente a tecidos, é comum terem grande voga determinadas cores, como “blusa cenoura”, “brinco turquesa”, “calça gelo”, “sapato areia” (com omissão do substantivo-base), como também saírem outras de moda: “blusa rosa-choque, saia ferrugem, chapéu com laço cor de maravilha”, cabelo acaju (63)

Também as tintas de parede e carros matizam de tal forma que chegam a atingir das mais delicadas às mais fortes tonalidades que é possível imitar da natureza, nomeando-as com termos (substantivos e adjetivos) que, às vezes, permanecem ouradouros e, outras, fazem apenas época. Assim, “hortênsia, tangerina, cinza-pérola, verde-turquesa (64), ouro, azul-tropical, vermelho tropical”, etc. encontram-se entre as inúmeras cores dos catálogos de tintas de parede ou roupa. As de automóveis são batizadas até com nomes que nada dizem sobre a tonalidade: verde místico, violeta pop, azul apollo, cinza electra, vermelho marte, marrom istambul, ocre marajó, etc.

Vemos, pois, que, no tocante à formação, os nomes de cores são eminentemente adjetivos ou compostos de adjetivo e substantivo, omitindo-se a expressão “da cor de”

Formação dos nomes de cores

Os designativos de cor podem ser:

I — Adjetivos

a) *simples*:

- 1 — eruditos: áureo, purpúreo, etc.
- 2 — herdados do latim vulgar e superstrato: vermelho, rouge, giallo, azul, branco.
- 3 — de formação posterior | sufixal: verdoengo, bleu-
| âtre, rojizo.
| parassintético: amarelado,
| esverdeado.

(63) — *Acaju* é a forma vernácula, da qual o francês extraiu *acajou* e a recambiou para nós. De *a* + *caju*. O *caju* foi levado do Brasil para a Ásia e África e, depois da sua propagação, o nome retornou sob a forma “*acajou*”, usada por cabeleireiros.

(64) — *Turquesa* emprega-se geralmente para o azul.

b) *compostos*:

azul celeste, verde claro, bleu foncé.

- II — uma expressão apositiva com valor adjetival (65), que omite geralmente a preposição *de*: morena (da) cor de jambo, pañuelo (del) color de zanahoria, un ruban (de la) couleur de feu, etc.
- III — aposto com valor de adjetivo, que representa o segundo termo de uma comparação à qual falta o conetivo *como*: branco-marfim, verde-garrafa, amari'lo-limon, vert-pomme, bleu turquoise, jaune isabelle (66)

Essas comparações com elemento elíptico resultam das que se fazem tão usualmente: vermelho como o sangue, escuro como o breu, branco como a neve, preto como azeviche, etc. Têm sabor popular ou infantil: preto como o diabo (67), azul do mar com todos os seus peixinhos, cor do manto de Nossa Senhora, cor de burro quando foge, etc.

Leite de Vasconcellos recolheu interessantes comparações desse tipo numa região portuguesa denominada Xalma (68):

amarelu comu a ara

amarelu cum'a narandja

verdi comu as elbas (“hervas”)

negru comu o pê “pez”, ou mais rapidamente *cum'o pé*

branca cumu a nébi

ajúr comò céu

está a noiti escura (ou oscura?) *comu boca-lobu* (= boca de lobu; supressão de *de*, como em esp. *boca calle*)

(65) — Prova da adjectivação do aposto está na flexão de gênero e número: *des rubans roses*, etc. (Zauner, *Romanische Sprachwissenschaft*, p. 40)

(66) — A “couleur isabelle” foi tirada do nome de Isabel, forma popular de Elizabeth, segundo Bloch-Wartburg. A atribuição dele à cor prende-se ao juramento, conforme a lenda, feito por Isabel, a Católica, durante o cerco de Granada, de não trocar a camisa enquanto a cidade não caísse. A tonalidade é do verde esmaecido, pálido.

(67) — Seria o diabo preto? Pelo menos para nós é a cor do saci, mas parece que o “negro” está associado às entidades míticas na crença do povo, conforme adágios de várias línguas, recolhidos na Revista *Lusitana*, XXIX, 1931, p. 141 (“preto” ou “feio” ouvimos):

Alem.: Der Teufel ist nie so schwarz, als man ihn malt.

Fr.: Le diable n'est pas si noir qu'on le fait

Ingl.: The devil ist not as black as he is painted.

Ital.: Il diavolo non è così brutto (feio) come si dipigne. (sec. XVIII)

Port.: O diabo não é tão feio quanto parece.

(68). — “Português Dialectal da Região de Xalma” *Rev Lus.*, XXXI, 1933, p. 211.

Agradeço a informação sobre ambos os artigos, como outras, ao Prof. Isaac N. Salum, que me forneceu boa lista de nomes de cores.

Enumeramos a seguir alguns nomes de cores, na ordem acima (com exclusão dos herdados e obtidos por empréstimo, pois são repetidos na composição), especialmente em português e francês, que foram maior alvo de nossa investigação.

PORTUGUÊS

I — Adjetivos:

a) Simples:

argênteo, áureo, platino, purpúreo, plúmbeo, violáceo, etc. (eruditos); amarelento, azulado, bronzeado, chumbado, irisado, suferino (69), verdeal, verdejante, verdoengo, verdoso, etc. (com sufixo); arroxeadado, alourado, agrisalhado, arruivado, esbranquiçado, esverdeado, enrubecido, etc. (parassintéticos)

b) Compostos:

amarelo-claro, -escuro, azul-celeste, -desmaiado, -esbatido, -marinho, branco fulo (70), laranja-ocráceo, roxo-lívido, verde-alvo, -gaio, -cinzento, -vegetal, vermelho-afogueado, -nacarado, etc.

II — Expressões apositivas:

Tecido (cor de abacate, de açafração (71), de azeitona, de batata-doce, de brasa, de breu, de café-com-leite, de carvão, de cereja, de choco'ate, de chumbo, de cinza, de cobre, de flor de alecrim, de fogo, de framboesa, de maçã, de gelo, de gema, de ginja, de groselha, de jambo, de malva, de manga, de neve, de ouro, de prata, de pérola, de pêssego, do sol, de urucu (72), de vinho.)

III — Aposto sem o conetivo:

amarelo-canário, -gualde, -limão, -ouro, -sol;
azul-água, -cobalto, -noite, -pavão, -piscina, -turquesa;
branco-marfim, -pérola, -creme, -mármore;
cinza-pérola, -chumbo;

(69). — Esteve em moda o “sulferino”, embora não se consigne em dicionário semelhante vocábulo, mas apenas o derivado de *sulfur*, isto é, *sulfurino*.

(70). — *Fulo* provém de *fulvo* e indica o preto que tende ao amarelo.

(71) — De um Cancioneiro popular:

“Aqui jaz pagando um pato
um gato, cor de açafração.
Não era gato p'ra rato:
era, sim, gato ladrão.”

(72). — Fruto de cuja polpa se extrai uma tinta avermelhada.

marrom-café, -camurça;
preto-ébano, -noite;
roxo-rei;
verde-abacate, -água, -limão, -musgo, -cana, -pasto, -bandei-
ra, -garrafa, -bexiga, -primavera;
vermelho-cereja, -'acre, -pimentão, -tulipa.

FRANCÊS

I — Adjetivos:

- a) Simp'es — *Sufixo -é*:
argenté, azuré, doré, cendré, irisé, jaspé, grivelé, mor-
doré, orangé, pommelé, plombé, pourpré, violacé, etc.
Sufixo -âtre:
blanchâtre, brunâtre, grisâtre, jaunâtre, olivâtre, rosâtre,
rougeâtre, roussâtre, violâtre, etc.
Nota: Não é comum o sufixo *-aille* neste sentido, como
é o caso de *grisaille*, port. *grisalho*.
- b) Compostos:
jaune bis, -blond, -doré, -fauve;
bleu persan, -foncé, -marine, -clair, -azur;
rouge éclatant, -ardent, -clair, -foncé;
vert pers, -gris, -g'auque, -olivâtre, -pâle, etc.

II — Expressões apositivas:

Des étoffes couleur de jonquille, de cerise, de soufre, de
paille, de saumon, de champagne, d'acajou, etc.

III — Aposto sem o conetivo:

bleu-turquoise, -saphir, -indigo;
brun-chamois, -chocolat, -marron, -noisette;
jaune-aurore, -citron, -feu, -isabelle, -paille;
rouge-amarante, -balais, -cerise, -corail, -pourpre, -sang;
vert-bouteille, -bronze, -céladon, -dragon, -émeraude,
-olive, -pomme, etc.

OUTRAS LÍNGUAS

É similar o processo de formação nas outras línguas neolatinas,
tanto na composição quanto na derivação.

Os compostos já foram vistos em suficiência e são muitas vezes
idênticos no Ocidente (73); basta citar it. bianco-latte, azzurro sau-
ro, -marino, verde chiaro, -scuro, -bruno, -mare, etc. Quanto ao

(73). — Maurer Jr., *A Unidade da România Ocidental*, p. 145-146.

romeno, apresenta um tipo especial de composição com os adjetivos *închis* “fechado” e *deschis* “aberto” (*albastru-deschis* “azul c’aro” e *albastru-închis* “azul escuro”) Em *galben-portocaliu* “amarelo-alaranjado”, vemos a união dos dois adjetivos, ao invés das expressões ocidentais com o substantivo (“laranja” diz-se *portocala*) Seria anômala a composição *rozalb* “branco rosado”, pe’a inversão dos elementos, não fosse um estrangeirismo, como se depreende do vocábulo *roz*, não romeno, segundo Iordan e Manoliu (74)

Quanto à derivação, observamos no português e francês o aparecimento freqüente do sufixo *-atu* (*-ado*, *-é*), e, na última língua, de *-aster*, que pouca expressão teve no latim vulgar.

O espanhol aproxima-se bem do português. Além do sufixo comum *-ado* (*colorado*, *morado*, *rosado*, etc), apresenta outros igualmente, como o erudito *-eo* (*rubiáceo*) e alguns de vários usos na língua vulgar (*verdoso*, *rubial*, *purpurino*, *ceniciento*, etc.), assim como certos sufixos que lhe são típicos (*amarillejo*, *azulejo*, *rojizo*, etc.); recebeu do italiano o empréstimo *-acho*, que tem sentido pejorativo (*verdacho*)

O italiano usa *-astro* por influência francesa (*biancastro*, *nerastro*, *bluastro*) e o pejorativo *-accio* (*verdaccio*, *rossacio*, etc), entre alguns outros (*paonazzo*, *arancino*, etc.) Também sufixos diminutivos — que não faltam às línguas ibéricas (*negrinho*, *blanquito*, *verdecito*, *azulzinho*, etc.) — são abundantes no italiano: *-etto*, *-ino*, *-iccio*, *-uccio* (*verdetto*, *bianchino*, *nericcio*, etc.)

No romeno, usa-se geralmente o sufixo *-iu* (*albastriu* “azulado”, *capriu* “cor de café”, *porfiriu* “púrpureo”, *liliachiu* “lilás”) Para o diminutivo, o sufixo é *-or*: *gabior* “amarelinho”, *verzisor* “verdinho” (75)

CONCLUSÃO

Dos principais nomes latinos de cores, alguns indo-europeus e outros de proveniência incerta, permaneceu apenas, em toda a România, *viridis*.

Niger dominou, com exceção da Ibéria, onde foi particularmente aceito um particípio de *premere*; *ruber* e variantes tiveram ampla aceitação, a não ser em português, onde predominou o vocábulo oriundo do diminutivo de *vermis*; e *albus* sofreu grande concorrência do germânico *blank*, só não penetrando nas regiões em que essa influência foi diminuta, ou seja, no Oriente.

(74) — *Manual de Lingüística Románica*, p. 58.

(75) — *Ibidem*, p. 14.

O lat. *caeruleus* não sobreviveu; foi substituído por um adjetivo germânico no Centro, e, por um árabe, na Ibéria. *Flavus* deu lugar a *galbinus*, exceto na Ibéria, onde um termo de controvertida origem (possivelmente do próprio lat. *amarus*) predominou; mas não desapareceu de todo, permanecendo na România como indicativo de uma nuança.

Quanto às outras designações de cores, tirantes a essas básicas ou resultantes de mescla delas, houve também influência germânica e árabe. Ademais, foram muitos os empréstimos feitos entre as próprias línguas neolatinas.

Para matizar as cores, nossos idiomas não só dispõem dos termos recebidos, mas também desenvolveram, com base em comparações, processos de composição — dois adjetivos ou adjetivo e substantivo (omitindo-se às vezes a expressão “da cor de”) — e de derivação, mediante sufixos diversos e provindos do latim, por via erudita ou popular.

BIBLIOGRAFIA

- BARRETO, M. — *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, 2. ed., Rio, Francisco Alves, 1921.
- BLOCH, O & WARTBURG, W. — *Dictionnaire Étymologique de la Langue Française*. 2.ed., Paris, PUF, 1950.
- BOURCIEZ, E. — *Éléments de Linguistique Romane*. 4. ed., Paris, C. Klincksieck, 1946.
- BRUGMANN, K. — *Abrégé de Grammaire Comparée des Langues Indo-Européennes*. Trad. fr. de J. Bloch, A. Cuny e A. Ernout, sob direção de A. Meillet e R. Gauthiot, Paris, C. Klincksieck, 1905.
- COROMINAS, J. — *Diccionario Crítico Etimológico de la Lengua Castellana*. Madrid, Edit. Gredos, [1954] 4 v
- ERNOUT, A. e MEILLET, A. — *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*. 3.ed., Paris, C. Klincksieck, 1951.
- ELCOCK, W. D. — *The Romance Languages*. 3.ed. London, Faber & Faber, 1964.
- FREIRE, L. — *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed., Rio-São Paulo, Olympio, 1954. 5 v
- HOFMANN, J.B. — *Etymologisches Wörterbuch des Griechischen*. München, Verlag von R. Oldenburg, 1950.
- IORDAN, I & MANOLIU, M. — *Manual de Lingüística Románica*. Trad. esp. revista por M. Alvar, Madrid, Gredos, [1972]. 2 vol.
- MACHADO, J. P. — *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. [Lisboa] Confluência, 1952-1959. 2 v

- MAQUET, Ch. — *Dictionnaire Analogique*. Paris, Larousse, 1936.
- MATA MACHADO, F.A. — *Novíssimo Dicionário Ilustrado Urupês*. 21. ed., São Paulo, Gráfica Urupês, 1972. 3 vols.
- MAURER JR., Th.H. — *A Unidade da România Ocidental*. São Paulo, Fac. Fil., Ciências e Letras da USP, 1951 (Boletim n.º 126)
- *Gramática do Latim Vulgar*. Rio, Acadêmica, 1959.
- MEYER-LÜBKE, W. — *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*. Heidelberg, Carl Winters Universitätsbuchhandlung, 1935.
- *Introdução ao Estudo da Glotologia Românica*. Trad. port. de A. G. Júdice, Lisboa, Clássica Ed., 1916.
- NASCENTES, A. — *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Rio, Fr. Alves-Machado, 1932.
- POKORNY, J. — *Indogermanisches Etymologisches Wörterbuch*. Bern & München, Francke Verlag, 1959. 2 v.
- ROUAIX, P. — *Dictionnaire des idées suggérées par les mots*. 18. ed., Paris, Armand Colin, 1939.
- SAVI-LOPEZ, P. — *Orígenes Neolatinos*. Trad. esp. de Pilar Sánchez Sarto, Barcelona, Labor, 1935.
- SEBASTIAN YARZA, F. — *Diccionario Griego-Español*. Barcelona, Ramón Sopena, 1945.
- SPINELLI, V & CASASANTA, M. — *Dizionario Completo Italiano-Portoghese (Brasiliano) — e Portoghese (Brasiliano)-Italiano*. Milano, Ulrico Hoepli, 1957. 2 v.
- SPITZER, C. (S.J.) — *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa*. Rio-P. Alegre, Globo, 1959.
- STCHOUPAK, N, NITTI, L. e RENO, L. — *Dictionnaire Sanskrit-Français*. 2. ed., Paris, Amérique et d'Orient, 1959.
- TORRINHA, F. — *Dicionário Português-Latino*. 2. ed., Porto., Domingos Barreira, 1939.
- *Dicionário Latino-Português*. 3. ed., Porto, Maranus, 1945.